

Nós na Rede

Ambientes digitais de crianças e jovens

2020

Cristina Ponte
(Coordenação)



NÓS NA REDE

Ambientes digitais de crianças e jovens

COORDENAÇÃO

Cristina Ponte

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, n.ºs 76-80

3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901

www.almedina.net · editora@almedina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Novembro, 2020

DEPÓSITO LEGAL

O conteúdo desta publicação é da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.



GRUPOALMEDINA

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL — CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

NÓS NA REDE. Ambientes digitais de crianças e jovens

Coord. Cristina Ponte. — 1ª ed. - (Regulação dos media)

ISBN 978-972-40- 8642-2

I — PONTE, Cristina, 1956-

CDU 316

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
CRISTINA PONTE	
CAPÍTULO I	
GÊNERO E EXPERIÊNCIAS DIGITAIS. TENSÕES	
ENTRE ESTEREÓTIPOS E AUTONOMIAS	19
EDUARDA FERREIRA e DANIEL CARDOSO	
CAPÍTULO II	
AMBIENTES FAMILIARES E MEDIAÇÕES DIGITAIS	37
CRISTINA PONTE e SUSANA BATISTA	
CAPÍTULO III	
LITERACIAS DIGITAIS NO CONTEXTO ESCOLAR	55
SUSANA BATISTA e RITA BRITO	
CAPÍTULO IV	
CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO ONLINE DE CRIANÇAS E JOVENS	
EM PORTUGAL E NO BRASIL	73
JOSÉ ALBERTO SIMÕES e FÁBIO SENNE	

NÓS NA REDE

CAPÍTULO V SITUAÇÕES PROBLEMÁTICAS NA INTERNET E MODOS DE LIDAR COM ELAS	89
--	----

CRISTINA PONTE, EDUARDA FERREIRA e DANIEL CARDOSO

CAPÍTULO VI O MUNDO EMERGENTE DA INTERNET DAS COISAS E A GESTÃO DA PRIVACIDADE.	111
--	-----

TERESA SOFIA CASTRO e PATRÍCIA DIAS

CAPÍTULO VII O FENÓMENO DO <i>SHARENTING</i> NA ÓTICA DAS RESPONSABILIDADES PARENTAIS E DOS DIREITOS DE PERSONALIDADE DA CRIANÇA.	125
--	-----

ROSSANA MARTINGO CRUZ

REFERÊNCIAS	137
-------------------	-----

NOTAS BIOGRÁFICAS	145
-------------------------	-----

Introdução

CRISTINA PONTE

A 11 de fevereiro de 2020, dia da Internet Segura, foram divulgados os resultados do inquérito EU Kids Online, sobre usos digitais de crianças e jovens de 19 países europeus. Um mês depois, a Organização Mundial de Saúde declarava pandémica a situação provocada pela expansão do vírus COVID-19. Vivemos desde então um ‘novo normal’, glosado na canção de Sérgio Godinho, e que nos encontrou em diferentes etapas da vida. Para as mais de 25 mil crianças e jovens que responderam ao inquérito EU Kids Online são tempos que marcarão a sua identidade geracional.

Este livro analisa o que foi reportado por crianças e jovens portugueses, sobre os seus ambientes digitais mesmo antes do ‘novo normal’, em família, no bairro, na escola, em movimento. Marca um registo no tempo longo da relação de gerações com os media.

Em 2010, a maioria das crianças e jovens europeus (9-16 anos) acedia à internet a partir do computador PC instalado na sala de estar e partilhado pelos membros da família. Esse era o local de instalação recomendado, por permitir a supervisão parental. Em Portugal, a realidade era distinta: dois terços das crianças e jovens acediam à internet a partir dos seus computadores portáteis, a posição líder na Europa de então, mas apenas um terço dos seus pais fazia um uso frequente da internet.¹

Tablets e outros ecrãs tácteis e móveis, bem como dispositivos ‘inteligentes’ apareceriam nos anos seguintes e mudariam a paisagem digital.

Em 2020, quatro em cada cinco crianças e jovens europeus (9-17 anos) acedem à internet pelo seu telemóvel pessoal, várias vezes por dia ou quase sempre. Menos de metade acede diariamente à internet pelo computador, portátil ou não. Portugal está em linha com a mudança, apesar da forte pene-

¹ PONTE, C., JORGE, A., SIMÕES, J. & CARDOSO, D., *Crianças e Internet em Portugal*, Coimbra, 2018, Minerva Coimbra.

tração dos computadores portáteis no passado: 84 por cento de crianças e jovens usam diariamente o seu *smartphone* para aceder à internet, enquanto apenas 37 por cento faz uso diário do computador para esse fim.

Na apropriação de novos media, conhecer práticas permite identificar lacunas e proporcionar capacidades e competências em todos os domínios. Porque crianças e jovens nasceram em tempos digitais, mas não se nasce digital.

O título deste livro, *Nós na Rede. Ambientes digitais de crianças e jovens*, acen-tua um coletivo de vozes, um certo ‘lugar de fala’, que tem como base um extenso questionário que contou com duas perguntas abertas.

Conhecer a relação de crianças e jovens com o mundo mediado pelas tecnologias

Hoje não chega hoje estudar *a relação de crianças e jovens com a internet*: há que compreender *a relação de crianças e jovens com o mundo mediado pelas tecnologias digitais*², tal como os contextos em que se movem: a cultura de pares, a socialização familiar, o ambiente escolar e da comunidade onde vivem, a ecologia do digital.

Os primeiros anos da internet foram marcados pela preocupação para com as consequências negativas que esses ambientes poderiam trazer para os mais novos. As recomendações da Comissão Europeia estavam em linha com preocupações públicas sobre acesso a conteúdos inadequados e exposição a predadores, enquanto o setor da Educação se interessava por potenciais benefícios desse novo ambiente para aprendizagens escolares.

Em 2005, a Comissão Europeia financiou o projeto *EU Kids Online — Questões Culturais, de Contexto e de Risco para um Uso Seguro da Internet e dos Novos Media*, uma rede com o objetivo de conhecer *como* as crianças europeias estavam a usar a internet, *o que significava* para elas este novo meio em termos de emoções, atitudes e perspetivas, *de que modos e para que crianças* essas práticas e significados resultavam em *riscos e/ou em oportunidades*.

² LIVINGSTONE, S., MASCHERONI, G. & STAKSRUD, E. (2018) European research on children’s internet use: assessing the past and anticipating the future. *New Media and Society*, 20 (3). pp. 1103-1122.

Um dos primeiros contributos desta rede foi a clarificação do conceito de *risco da internet*, que assentou na consideração da *probabilidade* de os riscos digitais se constituírem ou não como *danos*, dissociando assim entre risco e dano e contrariando o dominante ‘discurso do medo’. Enfrentar situações de risco pode constituir uma experiência positiva, que permite desenvolver resiliência e capacidades para lidar com dificuldades. Saber lidar com essas experiências implicaria educar para competências várias, digitais e sociais.

Para responder de forma robusta à relação entre riscos e danos, a rede EU Kids Online elaborou um inquérito em torno da seguinte questão: *para que crianças e em que circunstâncias o uso da internet pode levar a riscos que resultem em dano ou em resiliência, e porquê?* As situações de risco consideradas foram as mais presentes então nos discursos públicos: *cyberbullying*, pornografia, *sexting* e encontros com estranhos.

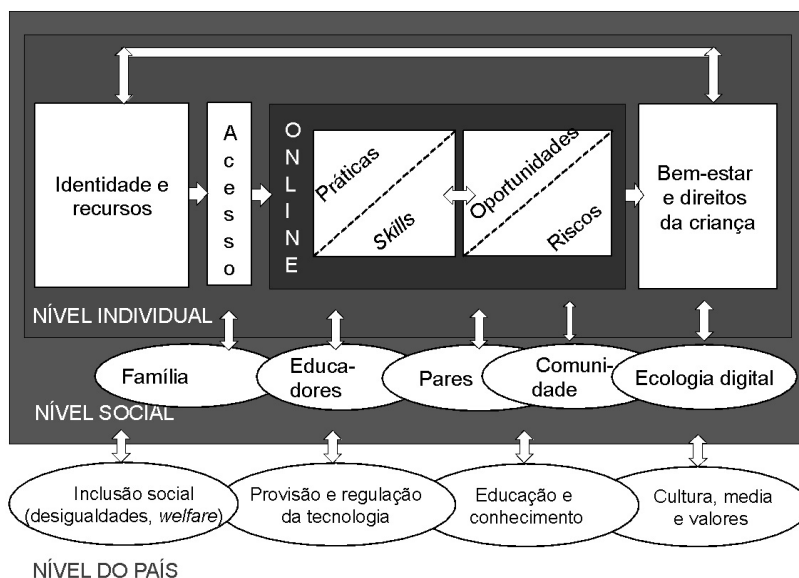
O questionário *EU Kids Online* foi respondido em 2010 por mais de 25 mil crianças e jovens (9-16 anos) com base em amostras nacionais e incluiu um dos seus pais, em 25 países. Os seus resultados permitiram derrubar mitos sobre crianças e meios digitais, como:

- *Os nativos digitais sabem mais do que os pais*: apenas 36 por cento das crianças e jovens de 9-16 anos concordavam totalmente com a afirmação de que sabiam mais da internet do que os seus pais;
- *Todos estão a ver pornografia*: um em cada sete entrevistados respondeu que via esses conteúdos online; este valor aumentava com a idade, atingindo um quarto dos mais velhos;
- *Bullies are badies*: 40 por cento dos que tinham feito *bullying* online tinham sido alvo de *bullying* digital. Perpetradores e alvos de *bullying* online tendem a ser mais vulneráveis psicologicamente, sugerindo um círculo vicioso que afeta negativamente uns e outros.
- *O ensino de competências digitais faz baixar os riscos*: mais competências estão associadas a mais riscos e não a menos — porque mais usos levam a mais competências, mais competências levam a mais oportunidades e as oportunidades estão ligadas a riscos³. Importa por isso distinguir entre riscos e danos.

³ Ver LIVINGSTONE, S., HADDON, L., GORZIG, A. & Ólafsson, K. (2011), *EU Kids Online. Knowledge Enhancement*, London: EU Kids Online, London School of Economics and Political Science. Disponível em: www.eukidsonline.net.

A exploração dos resultados deste inquérito pan-europeu e novos estudos da rede EU Kids Online permitiram aprofundar o conhecimento sobre a relação entre oportunidades e riscos. A Figura 1, que apresenta o enquadramento do novo questionário *EU Kids Online*, considera três níveis de análise: o nível individual, o nível social e o nível nacional.

FIGURA 1. Enquadramento do estudo *EU Kids Online* (2018)



Fonte: Sonia Livingstone, Giovanna Mascheroni e Elisabeth Staksrud (2015)⁴

No nível individual, na zona superior, a *identidade e recursos* da criança é articulada com o seu *bem-estar e direitos*. O bem-estar tem em conta indicadores como saúde e segurança, apoio material, educação e socialização, sentir-se amada, valorizada e integrada na família e nos meios sociais onde nasceu (UNICEF, 2007). Os direitos envolvem proteção, provisão e participação,

⁴ LIVINGSTONE, S., MASCHERONI, G. & STAKSRUD, E. (2015), *Developing a framework for researching children’s online risks and opportunities in Europe*. Short report, London: LSE, ISSN 2045-256X. Disponível em: www.eukidsonline.net

como é reconhecido na Convenção sobre os Direitos da Criança. A articulação entre criança e bem-estar pode ser ou não atravessada pelo digital, como se aponta. No online, tracejados entre práticas e competências, e entre oportunidades e riscos, acentuam que as respetivas fronteiras são esbatidas.

No nível social, encontramos *família*, *educadores* formais e informais, os *pares*, a *comunidade* composta pelas redes sociais alargadas com as quais as crianças interagem e ainda a *ecologia digital*, a combinação específica de aparelhos, plataformas ou serviços usados pela criança. Estes dois níveis estão contemplados no inquérito EU Kids Online.

Por fim, a atenção à base estrutural do país inclui parâmetros de *inclusão social* (sociedades mais iguais ou sociedades de grande diferenciação social), de *provisão e regulação* da tecnologia, *sistema educativo* e circulação não formal de *conhecimento*, e ainda aspetos como a *cultura e valores*. Esses parâmetros permitem contextualizar os resultados.

O novo questionário EU Kids Online

Para atualizar o conhecimento nas novas condições do digital, a rede *EU Kids Online* mobilizou-se para um novo estudo pan-europeu, com o propósito de:

- Comparar indicadores no tempo, sempre que possível, de modo a identificar mudanças mais relevantes nas práticas online de crianças e jovens;
- Caracterizar a experiência online atual de crianças e jovens a nível europeu;
- Incluir as principais inovações da tecnologia e de serviços/plataformas de modo a apresentar resultados atualizados sobre o ambiente mediático contemporâneo;
- Registrar desenvolvimentos sociais relevantes, como o papel das redes sociais na difusão do extremismo político e religioso.

Em Portugal, a versão em língua materna teve aprovação da Comissão Nacional de Proteção de Dados. A sua aplicação decorreu numa amostra nacional de 50 escolas públicas e privadas na primavera de 2018, tendo sido

possível com o financiamento da Associação .PT e a parceria da Direção Geral de Educação (DGE).

O questionário foi respondido individualmente, na presença dos técnicos da empresa que conduziu o trabalho de campo. Embora se tenha procurado garantir confidencialidade e privacidade nas respostas, podem ter-se feito sentir contingências decorrentes do ambiente escolar e da presença de colegas na mesma sala e ocasião. A amostra de 1974 crianças e jovens, de turmas selecionadas pelas escolas, seria reduzida para 1861 na integração na base de dados europeia. A maioria demorou cerca de 60 minutos a responder.

Sem surpresa, na pergunta aberta colocada no início do questionário — *Que coisas na internet achas que são boas para pessoas da tua idade?* — atividades ligadas a entretenimento (ver filmes e vídeos, ouvir música, jogos) e a comunicação com amigos e pares foram apontadas por quatro em cinco entrevistados. Foram seguidas do uso da internet como apoio ao estudo e a trabalhos de casa. Alguns entrevistados especificaram essas práticas de lazer, evidenciando como o entretenimento se pode associar a aprendizagens, interesses e desenvolvimento pessoal. Por exemplo:

- *Jogar, ver vídeos de natureza ou algo de outro tipo que ensine alguma coisa.* (Rapaz, 11 anos)
- *Ouvir kpop/música coreana, aprender novas línguas e curiosidades, ler/escrever fanfics, aprender coreografias e fazer pesquisas* (Rapariga, 12 anos)
- *Ver documentários, vídeos que façam pensar sobre assuntos que normalmente causam controvérsia.* (Rapariga, 16 anos)

Outros apontam a informação disponível que lhes permite encontrar respostas a problemas e questões sensíveis ou a saberes que os pais desconhecem ou não querem falar. Por exemplo:

- *Como é que se faz coisas como me defender de rufias* (Rapaz, 13 anos)
- *A internet é boa para pesquisar o que tivermos vergonha de perguntar aos pais ou aos amigos* (Rapariga, 13 anos)
- *Por exemplo: se tiverem dúvidas e os pais não sabem vão à internet e pesquisam* (Rapariga, 10 anos)

Entre jovens, as oportunidades digitais estão associadas a uma cultura vivida entre pares e que enfrenta constrangimentos de acesso a bens materiais. Este lado menos falado é expresso neste *nós* coletivo:

- *Primeiro que tudo o mundo da informação à distância de um clique, o que torna o conhecimento mais acessível do que nunca. Os chats também são ferramentas muito importantes, porque permitem manter o contacto e fazer novos conhecimentos com pessoas que estão longe de nós. Por fim, os conteúdos-pirata que permitem aos jovens, que todos sabemos não terem recursos financeiros próprios, acederem a conteúdos multimédia como filmes e séries que de outra forma não poderiam ver. (Rapaz, 17 anos)*

Sem dúvida que hoje, mais do que em gerações anteriores, crianças e jovens crescem «a envolver-se com o mundo mediado pela internet». Com mais anos a viver em ambientes digitais e a experimentar uma nova ecologia, as suas respostas indicam-nos que riscos e as oportunidades do ambiente digital não são dissociáveis dos contextos sociais em que vivem e das condições estruturais do seu país. Revelar essa ligação é o propósito deste livro.

Este livro

Os sete capítulos deste livro prestam atenção a diferentes contextos em que se processam os usos digitais por parte de crianças e jovens.

O primeiro capítulo, *Género e experiências digitais. Tensões entre estereótipos e autonomias*, de Eduarda Ferreira e Daniel Cardoso, mostra como papéis de género vigentes na sociedade portuguesa podem ajudar a compreender as respostas dos entrevistados. A análise das respostas referentes a ambientes digitais e não-digitais incidiu sobre os usos dos novos meios enquanto parte do seu processo de formação psicossocial, e sobre os modos como comportamentos e instituições impactam (positiva e negativamente) a experiência que crianças e jovens têm em contexto digital. Concluindo que o acesso e maior uso de tecnologias por parte das raparigas não vieram alterar estereótipos de género na utilização das TIC, os autores recomendam a criação de contextos que permitam a crianças e jovens expressarem as suas identidades, transcendendo categorias estereotipadas de género, ampliando o leque de opções disponíveis e abrindo espaços de experiências e de identidades tanto para raparigas como para rapazes.

Ambientes familiares e mediações digitais caracteriza o ambiente familiar, o espaço primordial de mediação social da tecnologia. Cristina Ponte e Susana Batista enquadraram a sua análise no estudo *Crescendo entre Ecrãs*, sobre práti-

cas de mediação reportadas por pais de crianças mais novas (3-8 anos), realizado em 2016 para a Entidade Reguladora para a Comunicação. O capítulo analisa como crianças e jovens entre 9 e 17 anos caracterizam o ambiente familiar em que vivem e como reportam as mediações familiares (de pais para filhos e o seu inverso) sobre a internet. Os resultados destacam a diferença entre uma quase unânime referência a ambientes de apoio familiar, por um lado, e uma diversidade na sua socialização digital, por outro. Além da idade, os resultados apontam diferenças de género, com as raparigas a reportarem mais interação entre gerações na socialização digital e maior acompanhamento por parte dos pais.

Literacias digitais e contexto escolar incide sobre perceções de competências digitais e sobre a escola como outro espaço privilegiado de mediação social da tecnologia. Como vimos, as potencialidades pedagógicas das tecnologias inspiraram desde cedo políticas educativas europeias e nacionais, mesmo em contramão com o discurso do risco social. Sem dúvida que a escola é um lugar central para a aquisição de competências digitais, contrariando desigualdades e favorecendo uma maior equidade social. A partir da contextualização de políticas educativas em Portugal e de uma definição alargada de competências digitais que as associa a direitos de cidadania, Susana Batista e Rita Brito discutem as competências digitais reportadas por crianças e jovens, como variam consoante o tipo de formação que recebem na escola e a perceção que têm sobre a mediação dos seus professores.

Cidadania e participação online de crianças e jovens em Portugal e no Brasil explora oportunidades de participação cívica e aproveita o facto de crianças e jovens destes dois países terem respondido a questões semelhantes no mesmo ano, nos questionários *EU Kids Online* (Portugal) e *TIC Kids Online* (Brasil). Tomando como base as oportunidades que a internet pode trazer para a participação e exercício de cidadania, José Alberto Simões e Fábio Senne enquadram o conceito de cidadania e assinalam características dos contextos de participação dos dois países para depois analisarem as respostas sobre atividades digitais numa perspectiva de «escada de oportunidades». A entrada na adolescência, por volta dos 13 anos, apresenta-se em ambos os países como ponto de viragem para um maior interesse por questões de cidadania, mas os valores são globalmente baixos. Contudo, a procura de notícias encontra-se bastante acima (e fortemente correlacionada) com a própria participação e envolvimento cívico online. As formas de participação online

podem assim exprimir-se através de áreas que podem parecer menos evidentes civicamente, mas que simbolicamente são importantes para os jovens.

Situações problemáticas na internet e modos de lidar com elas, por Cristina Ponte, Eduarda Ferreira e Daniel Cardoso, centra-se em duas questões colocadas antes de serem perguntadas situações problemáticas específicas. São elas situações que incomodam pessoas da sua idade, e como lidaram com situações vividas *online* que os incomodaram. Segue-se a análise às suas respostas a situações específicas, como *cyberbullying*, visionamento de imagens sexuais, *sexting*, encontros com pessoas que se conheceram na internet e outras situações, incluindo uso excessivo, e cujos valores são comparados com resultados europeus⁵.

O mundo emergente da Internet das Coisas e a gestão da privacidade começa por caracterizar esse crescente contexto digital associado a objetos do quotidiano e a novos processos de recolha e tratamento de dados pessoais, as suas oportunidades e os seus desafios. Teresa Sofia Castro e Patrícia Dias analisam as respostas de jovens portugueses ao módulo sobre Internet das Coisas, respondido apenas por estudantes do 3º ciclo e ensino secundário. Ainda relativamente reduzida em 2018, a sua prática com novos objetos inteligentes e as suas considerações sobre os novos contextos digitais revelam de novo diferenças de género, com elas a manifestarem uma maior preocupação com questões de segurança. A tensão entre procura de autonomia e procura de orientação parental surge nas respostas sobre as implicações do Artigo 8º do Regulamento Geral de Proteção de Dados caso fosse considerada o limite etário dos 16 anos.

Por fim, *O fenómeno do sharenting na ótica das responsabilidades parentais e dos direitos de personalidade da criança*, é assinado pela jurista Rossana Martingo Cruz. O capítulo discute a circulação de imagens de crianças nas redes sociais, tanto as colocadas por seus familiares como por elas próprias, à luz da legislação portuguesa e da Convenção dos Direitos da Criança. A autora situa as responsabilidades parentais consignadas pelo Código Civil português e os direitos de personalidade das crianças, em especial o seu direito à imagem, quer a criança viva ou não com ambos os progenitores. É com estes enquadramentos que aprecia os valores reportados no questionário EU Kids

⁵ SMAHEL, D., MACHACKOVA, H., MASCHERONI, G., DEDKOVA, L., STAKSRUD, E., OLAFSSON, K., LIVINGSTONE, S. & HASEBRINK, U., *EU Kids Online 2020. Survey results from 19 countries*, London: LSE, 2020. Disponível em: www.eukidsonline.net.

Online relativamente à partilha de imagens por parte dos pais sem que lhes fosse pedida autorização. Alertando para os perigos de uma ampla partilha de imagens na internet, conclui pela importância de uma educação parental para o Direito das Crianças e para os potenciais riscos que a internet e as redes sociais podem trazer.

* * *

Algumas notas finais:

- As respostas de crianças e jovens às questões que lhes foram colocadas devem ser lidas não como «verdades objetivas», mas como registos que indiciam padrões. Um deles, talvez o mais surpreendente, é a frequência e a persistência de diferenças de género nas práticas e considerações sobre o digital bem como na própria mediação parental, num país que formalmente afirma a igualdade de oportunidades.
- Em 2018, não foi possível inquirir os pais portugueses, mas teria sido enriquecedor comparar as respostas dos pais de agora com as dos pais de 2010. Nesse ano, os pais portugueses eram os mais preocupados com a possibilidade de os seus filhos depararem com ‘conteúdos indesejados’ e terem ‘encontros com estranhos’, duplicando a média europeia. Será que essas continuam a ser as preocupações dominantes dos pais, apesar do que revelam os resultados dos filhos? Esperamos que num futuro próximo seja possível auscultar de novo pais e filhos sobre o que para ambos constitui preocupações e oportunidades digitais.
- Conhecer de que modos se processa o contacto quase permanente com a tecnologia, hoje, e de que desafios se faz acompanhar no que se refere a oportunidades e riscos, a competências e mediações, interessa a decisores de políticas de Educação, Saúde, Segurança Social, Trabalho e Economia, para referir apenas as mais óbvias. Esse conhecimento é também útil para professores e educadores, pediatras, psicólogos e outros profissionais que lidam com crianças e jovens. Esperamos que estes capítulos contribuam para decisões e intervenções informadas.
- No reconhecimento do direito à sua voz, estes resultados podem também interessar os mais novos, proporcionando-lhes informações e matéria de reflexão sobre as suas próprias práticas e as dos seus pares.

- São eles o 'nós na rede'. Contamos com a sua participação no desenvolvimento de processos que vivenciam e que se escondem por detrás dos números.

